



MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS (MMC): 30 anos de história e conquista, reafirmando a luta camponesa e feminista

Ediana Maria Marcarello Finatto¹⁰

Monica Maria Tourinho Oldiges¹¹

Leonel Piovezana¹²

Resumo

O Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) possui uma trajetória histórica com vários momentos marcantes e de grande envolvimento das mulheres que se fazem militantes. Nos dias 30 de abril e 01 de maio de 2013 foi comemorado o trigésimo aniversário do Movimento das Mulheres Camponesas de Santa Catarina. Desta forma, o presente trabalho traz o relato deste evento bem como referenciais estudados e discutidos durante as aulas do Mestrado em Educação da Unochapecó. No decorrer do trabalho refletimos sobre a gênese e a organização do MMC e do evento, enfatizando suas lutas, movimentos e ações diante da sociedade. Contudo, a nossa participação no evento nos oportunizou conhecer de forma aprofundada a organização, a mística e o envolvimento das mulheres num processo de construção e afirmação de uma política específica de liberdade e de luta pela vida saudável.

Palavras chave: Movimentos Sociais; Mulheres, Camponesas; Mística.

1 Introdução

No decorrer deste estudo, nosso olhar centrou-se especificamente no evento em comemoração aos 30 anos do MMC em Santa Catarina. Diante da organização do espaço físico e dos momentos culturais desenvolvidos neste evento o que mais nos impressionou foi o aspecto místico contido em cada uma das atividades realizadas. As reflexões apresentadas são oriundas de nossa vivência no evento, assim como da observação participante, dos registros e da contribuição de estudo de referenciais teóricos.

No substrato de cada movimento encontram-se os mais diferentes mecanismos

¹⁰ Graduada em História e Ciências da Religião pela Unochapecó; Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto-Sensu* em Educação da Unochapecó. E-mail: ediana@unochapeco.edu.br.

¹¹ Graduada em Pedagogia pela Unochapecó. Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto-Sensu* em Educação da Unochapecó. Bolsista integral Capes. E-mail: monimaria@unochapeco.edu.br

¹² Doutor e Mestre em Desenvolvimento Regional (UNISC). Professor do curso de Mestrado em Educação (Unochapecó). Participa dos grupos de pesquisa: Desenvolvimento regional, política pública e governança e Desigualdades sociais, diversidades socioculturais e práticas educativas. E-mail: leonel@unochapeco.edu.br

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



para manter as convicções, ideais e utopias sempre alimentados pela chama da esperança da construção de uma nova sociedade. Diante disso, os movimentos sociais presentes no desenvolvimento da história da humanidade, projetam ações para incluir seus participantes/militantes em segmentos antes excluídos, proporcionando assim a autonomia dos sujeitos.

Ao buscarmos a centralidade de um conceito para movimento social compreendemos que não existe uma teoria que contemple toda a complexidade que envolve este conceito (GHON, 2012). De acordo com Ghon (2012), parte desta lacuna existe devido ao fato das múltiplas interpretações e enfoques sobre o que são movimentos sociais:

Primeiro: mudança nas ações coletivas da sociedade civil, no que se refere a seu conteúdo, suas práticas, formas de organização e bases sociais; segundo: mudanças nos paradigmas de análise dos pesquisadores; terceiro: mudanças na estrutura econômica e nas políticas estatais. Resulta dessas alterações que um conjunto díspar de fenômenos sociais tem sido designado como movimentos sociais. (GHON, 2012, p. 243)

Questionando os conceitos do senso comum, tomamos como base os desenvolvidos por Ghon (2012) e Scherer-Warrer (2012) que nos proporcionaram reflexões para a reelaboração, na compreensão de que os movimentos sociais são teias de significados que aparecem numa miríade de formas, as quais buscam construir uma identidade coletiva perpassada pelos interesses e valores comuns na tentativa de uma transformação social.

2 O Movimento das Mulheres Camponesas

O MMC se constituiu como um movimento social que objetiva defender questões feministas e questões ligadas a agricultura familiar. Em razão das particularidades do MMC apresentamos o histórico deste movimento que se consolidou no oeste do Estado de Santa Catarina.

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pelas crises sociais e políticas que fizeram emergir no Oeste Catarinense os primeiros sinais na busca da construção de um mundo mais justo, digno e igualitário. Os “efeitos do processo de modernização da agricultura” (POLLI, 1999 p. 15), o desejo de emancipação humana e social e a luta pela

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapeco: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



transformação da sociedade patriarcal, fizeram com que se consolidassem diferentes movimentos sociais na região, entre eles o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA). Este tem início no dia 25 de julho de 1981, no atual município de Nova Itaberaba (SC), que na ocasião pertencia ao município de Chapecó.

Para melhor se articularem, as mulheres sentiram a necessidade de remodelar a organização do movimento. Desta forma, em 2004, o MMA de Santa Catarina e outros movimentos autônomos de mulheres existentes em diferentes regiões brasileiras, se unificaram, formando o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), articulado nacionalmente (SALVARO; LAGO, 2008).

O resultado desta articulação e mobilização conjunta reafirmou a luta das mulheres camponesas por dois principais eixos: igualdade de gênero e de classe. Nessa trajetória de luta e de organização, as mulheres foram se constituindo como numa mística mística, feminista e libertadora, cujo conteúdo foi se expressando e se articulando na transformação das relações sociais de classe, suscitando mudanças nas relações com a natureza e na construção de novas relações sociais de gênero. Essa mística se expressa em símbolos do movimento e ao mesmo tempo na práxis coletiva.

3 O Evento

Para fortalecer o sentido de identidade e pertencimento, os mais diversos grupos humanos buscam através de organizações oportunizar debates que os contemplem. Não foi diferente com o MMC quando em decorrência dos trinta anos de sua existência em Santa Catarina organizam um movimento de tamanha expressão para comemorar e socializar sua trajetória, contextualizada por lutas, embates e conquistas.

O evento ocorreu nos dias 30 de abril e 01 de maio de 2013, no Parque de eventos Rovillo Bortoluzzi (FEMI) - Feira Estadual do Milho em Xanxerê Santa Catarina, com a participação de aproximadamente cinco mil pessoas. A programação contemplou momentos de interação e de místicas, formação, lazer, memória histórica e de apresentações culturais.

Foram dois dias de debates, conversas, trocas de informações, de experiências, e de conhecimentos. Conhecimentos construídos através das constantes lutas e momentos de formação e organização das mulheres camponesas.

Um movimento dessa amplitude não ocorreria se não houvesse no decorrer da

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



história mulheres ousadas, guerreiras, heroínas, trabalhadoras, movidas pela essência da liberdade. Liberdade, desejo no sentido de libertar-se do estigma de mulher frágil, construído durante séculos.

Levando em conta que esse movimento é composto por mulheres de várias gerações, etnias, e de diferentes culturas pertencentes à classe trabalhadora, moradoras de diversos municípios de Santa Catarina, percebemos que são mulheres na diversidade: na igualdade de ser mulher, ser de uma infinita beleza e dinamismo e com posicionamento firme na proposta de uma sociedade mais justa e fraterna.

A expressão disso tudo foi visível na organização do ambiente comemorativo aos 30 anos do movimento. Tudo foi articulado com as artimanhas do dia-a-dia vivenciado pelas camponesas, ou seja, através dos murais expostos ao redor do pavilhão, foi possível compreender a rotina e os fazeres dessas mulheres. Além da ornamentação relacionada ao cotidiano, havia um mural recriando a trajetória histórica do MMC, possibilitando aos visitantes a compreensão da gênese do movimento.

Figura 1 – Painel contendo a História do Movimento



Fonte: Finatto; Oldiges, 2013

No primeiro dia ocorreu um seminário de debate em torno de temas relevantes para o fortalecimento da luta e dos ideais do movimento. “Projeto de Agricultura Camponesa: Agroecologia, patriarcado e feminismo”, foi o tema que conduziu o debate. Este contou com a participação de líderes do MMC, de outros movimentos sociais como Movimento dos Sem Terra (MST), Pastoral da Juventude Rural (PJR), Movimento dos

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



Atingidos por Barragens (MAB), Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF-SUL) e alguns representantes de entidades públicas. Além das militantes camponesas do Estado, estavam presentes também representantes do Rio Grande do Sul, Acre, Mato Grosso, Espírito Santo, Distrito Federal, Goiás e Paraná.

Concomitante com a discussão do seminário ocorria no pavilhão ao lado, uma feira onde eram comercializados produtos agroecológicos, roupas usadas, livros e artesanatos produzidos pelas mulheres. Em meio a este comércio oportunizado pelo evento percebemos que ocorria entre as participantes a troca de experiências, elemento básico para a construção do conhecimento e a formação pessoal de cada militante.

Espaços lúdicos com uma variedade de atividades foram organizados com o objetivo de manter as crianças ocupadas para que as mulheres/mães pudessem realizar as atividades propostas pelo movimento. Desta maneira organizaram-se dois grupos levando em consideração a diferença de idade. Num ambiente preparado com colchões, brinquedos, peças para montar e fraldário ficavam crianças de 0 a 3 anos sob a responsabilidade de duas monitoras. Em outro espaço preparado para as crianças maiores de 3 anos havia uma cama elástica e uma variedade de brinquedos disponibilizados pelo Serviço Social do Comércio (SESC) de Xanxerê.

Mesmo que o cuidado não seja compromisso único da mulher, percebe-se que as militantes estão acostumadas a sair e levar seus filhos junto, como se fosse natural que o cuidar dos filhos seja obrigação e responsabilidade feminina, segundo Durhan (1983) apud Heilborn (1992, p.112)

[...] é próprio do senso comum conceber instituições estáveis da sociedade antes como “formas naturais” de organização da vida coletiva do que como produtos mutáveis da atividade social. No caso da família, entretanto, a naturalização é extremamente reforçada pelo fato de se tratar de uma instituição que diz respeito, privilegiadamente à regulamentação social de atividades de base nitidamente biológica: o sexo e a reprodução.

Neste sentido, as relações entre homem e mulher e a divisão sexual do trabalho acabam sendo naturalizadas, contribuindo assim para reforçar a posição de inferioridade da mulher na sociedade. Estas relações tidas como naturais contribuem para a permanência das diferenças, que na construção de um olhar crítico é a continuação da dominação machista e das relações patriarcais como representações poderosas.

As ideias semeadas na base do movimento oportunizaram as guerreiras se organizarem e lutarem por novas posições na sociedade. Os comentários ouvidos durante

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



o evento evidenciam os resultados da luta: *“Através do movimento aprendi a me olhar no espelho e dizer, - eu sou mulher e tenho direitos. Aprendi que temos direito a sair para a rua, sair do anonimato e fazer movimento. Se não tivéssemos o movimento, ainda seríamos a sombra de nossos maridos e não teríamos a possibilidade de ver que o mundo é muito grande, vai além dos limites das nossas propriedades”*.

Falas semelhantes a esta eram ouvidas constantemente nas rodas de conversas que se estabeleceram durante o evento. Dessa maneira compreendemos que no percurso do movimento, as mulheres tem a oportunidade de construir novos conhecimentos e assim modificar concepções naturalizadas. Sendo a luta um instrumento de mobilização das militantes, que encoraja e empodera para a conquista de novos espaços na sociedade, as envolvidas demonstraram durante o evento que não são mais apenas “esposas dos maridos”, submissas. Construíram junto ao movimento uma identidade que lhes oportunizou desfazer-se do anonimato, manter novas relações e serem protagonistas de suas histórias.

O evento se estruturou nos grupos de base, equipes organizadas planejaram as atividades que foram desenvolvidas no decorrer dos dois dias. Dessa maneira durante o encontro as equipes num processo de colaboração foram desempenhando suas funções e moldando o evento. Foi possível perceber essa organização durante o almoço do primeiro dia de encontro, quando mulheres e homens com ingredientes doados pelos grupos regionais prepararam risoto no tacho, pão e salada. O espaço reservado para a alimentação estava organizado de maneira que todas as militantes pudessem se servir e se acomodar, a paciência e o cuidado para com o outro eram percebidos nas atitudes dos organizadores e consequentemente dos presentes.

Figura 2 – Almoço partilhado



Fonte: Finatto; Oldiges, 2013

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



Conforme programação no final do dia uma grande parcela de militantes permaneceu no local, estas haviam se organizado para passarem a noite dando continuidade as atividades. A noite, oportunizou-se um café colonial partilhado constituído com uma grande quantidade de saborosos produtos coloniais.

No segundo dia, as militantes que permaneceram no local receberam as companheiras que aos poucos chegavam de diferentes regiões do estado. Entre risos, abraços e beijos foram se integrando e moldando o espaço, de maneira que percebia-se na espontaneidade dos gestos a militância como pratica de liberdade de forma apaixonada (BOGO, 2012).

As reações às presenças dos diferentes momentos foram se construindo através da participação de cada uma. Assim tem início o momento celebrativo de comemoração aos 30 anos do movimento, no qual as mulheres fizeram memória, através do teatro e da música de momentos históricos que marcaram a luta feminista inspiradora das militantes do movimento.

O evento esteve perpassado pela música, em cada momento que delineava o espaço, esta contribuía efetivamente para dar significado as místicas, as falas utilizadas no seminário e na recepção dos grupos. As músicas utilizadas continham letras que evidenciavam diferentes momentos que marcaram a história da humanidade. Dessa maneira no momento em que cantavam as mulheres colocavam toda a sua força de militante, e deixavam transparecer em seus olhares a paixão que move a participação e a luta enquanto movimento.

4 Mística

Durante o evento com a intenção de fortalecer os ideais do movimento através da história tecida pelas mãos de muitas mulheres que ousaram e romperam fronteiras contemplou-se uma série de momentos que possibilitaram a transfiguração da luta pela transformação das relações sociais.

As experiências de vida e os testemunhos referenciados em muitos momentos durante o evento servem como fontes de inspiração e energia para as mulheres camponesas avançarem na caminhada. Quando estas dispostas a lutar para alterar os modelos e projetos construídos socialmente se engajam no movimento engrossam a base dos que sonham com uma nova realidade.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



O aspecto religioso e místico são elementos importantes no desenvolvimento das diferentes culturas, estas diante da necessidade buscam experimentar o Mistério como forma de interiorizar um sentido que transcenda o mundo físico e introduza a arte de tecer esperanças no seio de todos os grupos. Foi nesse sentido que o grupo organizador do MMC planejou o aspecto decorativo do encontro em comemoração aos 30 anos de luta das mulheres camponesas em Santa Catarina.

O pavilhão preparado para receber as guerreiras, militantes que através de suas bravuras buscam responder à sociedade a necessidade de saciar suas convicções, foi decorado de forma que se vivêssemos no contexto das sociedades renascentistas seria possível compreender o processo do desenvolvimento da luta do movimento e as conquistas realizadas sem precisarmos desenvolver habilidades para a leitura.

Situação semelhante evidencia-se nas catedrais, onde as pinturas decorativas das paredes e vitrais transmitem histórias vivenciadas por diferentes grupos em diferentes contextos, estas são compreendidas sem precisar ter desenvolvido a habilidade de leitura, pois, como salienta Betto, (2010, p. 18) “[...] o que move o humano são as utopias, que não cabem no apertado gargalo de uma racionalidade que reduz as relações sociais à esfera econômica” a mola propulsora da luta do movimento transcende esse limite e por isso pode ser compreendida através daquilo que o cenário objetiva apresentar.

As relações contidas e transmitidas pelo cenário dos 30 anos do Movimento levam-nos a refletir sobre as utopias dessas mulheres heroínas como bem nos diz a letra do hino “Mulher agricultora heroína da terra/herói sem medalha que luta sem guerra/queremos manter a ordem e o progresso, mas também queremos mais justiça nesta terra” (Hino do Movimento – MMA), as quais já não aceitam apenas aquilo que a sociedade machista tem determinado como princípio de desenvolvimento, querem elas saciar o apetite que suas utopias tem despertado e transgredir os limites que as asfixiam, no sentido de consolidar suas convicções diante das imposições sociais.

Na luta e consciência de reagir em relação aos obstáculos criados pela sociedade estas mulheres organizam-se e demonstram que há possibilidade de viver a igualdade desejada em todos os âmbitos, sejam eles familiar, social, econômico, afetivo, etc.

Portanto diante de todas as conquistas que o grupo foi construindo nessa caminhada que chega agora aos 30 anos, percebemos na decoração do evento o místico como ingrediente importante para explicar as abordagens relacionadas às novas construções feministas, pois, segundo Betto, (2010, p. 9) “O místico se traduz por convicções poderosas que fazem mover a história pela mola propulsora da caminhada

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



das pessoas e das sociedades”.

A ideia de divulgar a mola propulsora do movimento e trazer para a história agentes sociais antes relegados do processo é visível quando observando a continuidade da ideia na sequência da decoração encontramos os afazeres da labuta diária. Na sequência das ideias percebe-se que as mulheres concebem o dia-a-dia de forma que, a vida de mãe, esposa, mulher, agricultora, vizinha, avó, religiosa, etc, enfim, em todos os seus momentos pode ser conciliada e desenvolvida de maneira prazerosa e possível. Exatamente o que a mística propõe como nos lembra Betto, (2010, p. 162):

A mística só existe para nos ensinar a lidar com o conflito e para fazer com que, dentro dele, não sejamos esmagados, mas estejamos sempre acima ou numa relação que não nos quebre a harmonia interior da relação com os outros.

Figura 3- Mosaico do ambiente comemorativo do MMC.



Fonte: Finatto; Oldiges, 2013.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas
V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014
Chapecó | Santa Catarina | Brasil



Quando, além de comprometer-se com uma infinidade de atividades diárias ela procura cuidar para que o necessário não falte no dia-a-dia, prepara o local para dar continuidade a garantia de alimentação e sobrevivência de sua família. Desta maneira percebe-se no cenário, nos detalhes, nos sonhos, no encontro a mensagem que o movimento realmente quer tornar visível. Muitos outros aspectos da decoração nos remetem à reflexão da grandiosidade da generosidade interiorizada pelas defensoras e heroínas da terra.

A arte de saber viver transmitida durante o evento nos leva a compreender que o desejo do grupo durante toda a caminhada foi no sentido de produzir novas identificações, onde a participação popular, prática que tende a substituir as antigas ordens sequenciais instauradas contribua para eliminar os mecanismos de dominação vivenciados durante a história humana.

O que o movimento tem deixado transparecer é que essa luta não surge nas bibliotecas das universidades ou no mundo científico/acadêmico, mas nas resistências, nas lutas travadas por milhares de oprimidas que desejam realçar sua participação na construção da história social.

Em cada espaço do cenário, pensado e organizado para o encontro a fé é sentida e percebida nos detalhes e nos ingredientes utilizados, estes nos deixam a certeza de que o amor proporciona condições para práticas libertadoras. No entanto, a mística do engajamento e da luta refletem aquilo que as integrantes do movimento através de suas convicções, utopias e paixões demonstram à sociedade durante as mobilizações que organizam. Desse modo, Betto, (2010, p. 67) esclarece:

Mística significa, então o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos.

A experiência do mistério durante o evento personalizou-se nos mais diferentes momentos, em especial quando recordam com muita emoção a luta de mulheres ousadas e desafiadoras, que fizeram um enfrentamento no intuito de se empoderar, entre elas “Olga Benário” mulher que desafiou os grandes líderes da época do nazismo.

Outro momento do encontro que nos evidencia a mística foi a construção da memória de mulheres que lutaram pelas mais diferentes causas no decorrer do processo

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



histórico de suas vidas. Esse momento foi representado através da construção do mapa do Brasil, onde copos de vinho foram utilizados para delinear as fronteiras territoriais, velas, flores e cartazes com imagens também contribuíram para a compreensão da luta e vida das mártires lembradas durante esse momento.

Figura 4 - Simbologia Mística



Fonte: Finatto; Oldiges, 2013.

O que manteve o fio de discussões e debates durante os dois dias do movimento foi justamente a mística, como bem nos lembra Betto (2010, p. 69), “Não há militância sem paixões e mística” elementos que sensibilizaram as centenas de participantes, as quais através de depoimentos e apresentações deixam transparecer o mistério contido durante o evento. A presença mística é percebida nos olhares, nas expressões, nos

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



movimentos que cada guerreira e heroína realizam.

Figura 5 – Momento da expressão da paixão militante



Fonte: Finatto; Oldiges, 2013.

Não se pode projetar novas realidades se não soubermos captar aquilo que não pode ser expresso, apenas sentido, nesse viés as atividades realizadas durante o encontro oportunizaram novas perspectivas e novas formas de convivência mantendo constantemente alimentada as convicções que segundo Betto, (2010, p. 69) são justamente “estas que mudam as práticas, que transformam as relações sociais”.

O MMC conta com agentes sociais empenhadas, as quais buscam através da participação manter seus sonhos alimentados e lutar para que a liberdade e a criatividade, elementos essenciais na formação pessoal e coletiva, não sejam negados.

Nesse contexto a militância “ganha força” (BETTO, 2010, p. 70) e o empoderamento dessas que a sociedade foi negando e impedindo de serem vistas como agentes sociais atuantes, demonstram através da dignidade que o curso da história pode mudar de direção e proporcionar transformações para a libertação.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



5 Consideração Finais

A nossa participação no evento nos oportunizou conhecer de forma mais aprofundada a organização, a mística e o envolvimento das mulheres num processo de construção e firmação de uma política específica de liberdade e de luta pela vida saudável. A força e a delicadeza de cada uma das participantes foram aspectos que nos instigaram a querer compreender o que realmente procuravam e se dispunham fazer. Assim, nossa participação e envolvimento durante o evento levou-nos a perceber a importância da formação nos grupos de base para a formação social, educacional, política e mística na vida das mulheres. As discussões a cerca da dominação patriarcal das mulheres oportuniza mudanças nas percepções e nas maneiras de pensar de cada uma das militantes.

Nos vários momentos do encontro, ficou nítido que o patriarcado, o imperialismo e o capitalismo são exemplos de dominação que esmaga e aprisiona quem não se dispõe a ter tempo para si mesmo e esquece que somente as estratégias e as táticas carregadas de interesses não darão respostas ao que buscamos. Precisamos evidenciar a fraternidade, a transparência, as experiências e a capacidade de reflexão dos acontecimentos que marcam o dia-a-dia dessas militantes para juntas construirmos uma nova realidade.

Os encontros servem para revitalizar as lutas e dar mais significados aos momentos que precisam passar por modificações, portanto nas atividades elaboradas e praticadas nos dois dias do encontro, evidenciou-se a busca de outros caminhos, os quais são perceptíveis nos elementos que movem o MMC. Um conjunto de representações fizeram emergir o desejo que permeia o MMC, o qual é construir na sociedade um projeto alternativo ao sistema vigente e que este possa solidificar-se no universo pensado e idealizado pelas militantes, onde o conviver, crescer e humanizar-se sejam significativos a ponto de alterar as estruturas estabelecidas pela sociedade atual.

Que esse projeto venha contribuir para desconstruir as injustiças e opressões que permeiam a vida de milhares de mulheres da sociedade atual, mas não podemos esquecer que muitas guerreiras morreram no anonimato, porém, nunca perderam o sonho e a esperança de construir novas realidades. Mesmo que muitas tenham sido lembradas durante o evento sabemos que milhares destas não conseguiram deixar seu legado para servir de inspiração a outras militantes que mesmo assim lutam diariamente para o fim da dominação.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURAS e DESENVOLVIMENTO

II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas

V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso

Educação Intercultural em Territórios Contestados

14 a 16 de maio de 2014

Chapecó | Santa Catarina | Brasil



Referências

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BOGO, Ademar. A mística: parte da vida e da luta. In: PELOSO, Ranulfo (Org.). **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo CEPIS. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

POLI, Odilon Luiz. **Leituras em movimentos sociais**. Chapecó: Grifos, 1999.

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; LAGO, Mara Coelho de Souza. **O desafio de protagonizar questões de gênero: uma (re) leitura da criação do Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina**. Florianópolis – SC: UFSC, Fazendo Gênero 8 – “Corpo, Violência e Poder”, 25 a 28 de agosto de 2008.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes emancipatórias**: nas lutas contra exclusão e por direitos humanos. 1 ed. Curitiba: Appris, 2012.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]